NECAT

Núcleo de Estudos de Economia Catarinense

TEXTO PARA DISCUSSÃO

022/2016

Um outro olhar sobre a dicotomia "vencedores x perdedores" nas eleições municipais em Santa Catarina

Lauro Mattei

UM OUTRO OLHAR SOBRE A DICOTOMIA "VENCEDORES x PERDEDORES" NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS EM SANTA CATARINA[1]

Lauro Mattei[2]

INTRODUÇÃO

É fato que o clima político reinante no país também apresentou alguns reflexos sobre os resultados eleitorais obtidos por diversas siglas partidárias existentes no estado de Santa Catarina. Registre-se que na narrativa desse clima sobressaiu-se a culpabilização do Partido dos Trabalhadores (PT) pelo fenômeno endêmico da corrupção que tomou conta da vida política nacional há muito tempo.

Para que esta narrativa chegasse às urnas, não existem dúvidas de que dois fatores foram cruciais. O primeiro deles diz respeito ao calendário político da operação Lava Jato[3], cujas ações realizadas nos últimos meses estiverem diretamente vinculadas à narrativa anteriormente mencionada.

O segundo fator diz respeito ao papel exercido pela mídia oligopolizada, tanta falada como escrita, que expôs como nunca antes visto suas preferências político-ideológicas. Isso ficou ainda mais perceptível nas coberturas realizadas durante o dia das eleições e, especialmente, durante o processo de apuração dos votos, uma vez que a cada novo resultado divulgado seguiam-se comentários sobre o desempenho eleitoral do PT, como se somente este fosse o fato relevante. Com isso, notou-se que em diversas vezes se esqueceu de comentar aspectos importantes sobre as próprias informações que estavam sendo divulgadas. Esse comportamento chegou ao ponto em que determinados meios de comunicação passaram a transformar as informações em euforias, reveladas por meio de frases como "o PT é o grande perdedor das eleições no Brasil"; "O PT está sendo varrido do mapa", etc. Assim, em muitos casos se verificaram poucas análises assentadas nos dados objetivos, a não ser comentários simplificados, quase todos eles em sintonia com a narrativa geral acima exposta.

---

[1] Artigo escrito em 03.10.2016

[2] Professor do curso de Graduação em Economia e do Programa de Pós-Graduação em Administração, ambos da UFSC. Coordenador geral do NECAT-UFSC e Pesquisador do OPPA/CPDA/UFRRJ. Email: l.mattei@ufsc.br

[3] Vide diversas colunas e noticias na mídia tradicional do dia 03.10.2016 que textualmente afirmam que o PT foi derrotado pela Lava Jato.

Visando sair dessa narrativa imposta por uma lógica midiática que também teve eco em Santa Catarina, apresentamos nesta breve análise um olhar distinto do que está sendo divulgado padronizadamente. Tal exercício se baseia em informações gerais sobre o desempenho eleitoral das principais agremiações partidárias que participaram do último pleito eleitoral, procurando sair dessa dicotomia simplista (vencedores x perdedores), cujos objetivos sabemos muito bem a quem de fato interessa. Para tanto, busca-se neste texto qualificar alguns dados e apontar as principais implicações políticas resultantes desse processo.

1)O DESEMPENHO ELEITORAL DAS PRINCIPAIS SIGLAS PARTIDÁRIAS PRESENTES NO ESTADO DE SANATA CATARINA NAS ELEIÇÕES DE 2016[4]

O quadro 1 apresenta a distribuição dos 292 prefeitos eleitos, segundo a sigla partidária. Um primeiro olhar geral revela que as cinco principais forças políticas estaduais (PMDB, PSD, PP, PSDB e PT) passaram a controlar 90% das administrações municipais, cabendo ao PMDB a maior fatia desse controle, ou seja, 34% das prefeituras locais. Um segundo olhar remete ao desempenho eleitoral atual (2016), comparativamente ao desempenho anterior (2012). Neste caso, sobressaem três grupos partidários com trajetórias distintas. No primeiro grupo encontram-se aqueles partidos políticos que ampliaram sua participação numérica no conjunto das administrações municipais, com destaque para PSDB (de 25 para 38 prefeitos); PR (de 1 para 12 prefeitos); PSD (de 52 para 61 prefeitos)[5]; PSB (de 2 para 10 prefeitos).

Quadro 1: Número de prefeitos eleitos por cada partido em 2016

SIGLA PARTIDÁRIA	PREFEITOS
PMDB	98
PSD	61
PP	46
PSDB	38
PT	20
PR	12
PSB	10
PDT	3
DEM	3
PPS	1
TOTAL	292

Fonte: TRE-SC

[4] É importante observar que dos 295 existentes no estado, em 292 deles já são conhecidos os novos prefeitos. Apenas em Florianópolis (PMDB x PP), Blumenau (PSDB x PSD) e Joinville (PMDB x PSD) haverá segundo turno.

[5] Apenas registrando que o PSD concorreu pela primeira vez nas eleições municipais no ano de 2012.

O segundo grupo é composto pelos partidos políticos que reduziram sua participação numérica no conjunto das administrações municipais. Neste caso, destacam-se o PT (reduziu de 45 para 20 administrações); o PMDB (reduziu de 109 para 98); o PDT (reduziu de 7 para 3); o DEM (reduziu de 5 para 3); e o PPS (reduziu de 2 para 1 administração).

Finalmente, o terceiro grupo é composto por uma única agremiação partidária (PP), a qual manteve a mesma posição numérica atingida no pleito anterior, ou seja, este partido manteve 46 administrações municipais sob seu comando político.

Antes de se prosseguir a análise cabe um esclarecimento geral. No presente caso, estamos considerando apenas o partido vencedor das eleições, ou seja, o chamado "cabeça da chapa". Todavia, diante da grande profusão partidária que ocorreu no país recentemente, reconhecemos que as alianças formadas durante o pleito podem ter efeitos diversos sobre o resultado final. Deste modo, assume-se que para elaborar uma análise bem mais precisa seria necessária um estudo profundo sobre o conjunto de coligações partidárias envolvidas no pleito em apreço, procedimento este que foge ao escopo do presente trabalho.

1.1-Algumas considerações específicas sobre alguns partidos que comandarão as administrações municipais

Este item pretende problematizar a dicotomia simplista anteriormente referida, apresentando algumas informações específicas relativas às distintas agremiações partidárias, considerando suas trajetórias políticas recentes. Para tanto, serão discutidos aspectos específicos sobre cada um dos partidos que figuram dentre os novos administradores locais.

Sobre o PMDB: estando à frente do governo estadual desde 2003 (de 2003 a 2010 como governador e de 2011 em diante com o cargo de vice-governador do estado), seria quase natural que este partido se mantivesse com a maior representação política, ao menos em termos numéricos. Todavia chamamos atenção para uma mudança qualitativa nesta representação que ocorreu no último pleito, a qual poderá induzir ao

erro de se considerar tal partido como o maior vencedor[6]. Trataremos detalhadamente desse assunto na próxima seção.

Sobre o PSD: como é do conhecimento de todos, essa agremiação partidária disputou seu primeiro pleito municipal no ano de 2012, porém já se encontrando à frente do governo estadual desde o ano de 2011. Desta forma, o crescimento numérico de sua representação política local está linearmente relacionado ao comando político da unidade da federação. Diga-se de passagem que essa agremiação, durante o processo de formação, herdou algumas figuras históricas da política estadual, regional e local, o que certamente tem facilitado essa expansão do número de administrações municipais em todas as regiões do estado.

Sobre o PP: por ser uma das agremiações partidárias mais antigas do estado e também por já ter assumido por diversas vezes o comando político estadual, observa-se que este partido, mesmo mantendo-se numericamente estável, representa uma força política tradicional espraiada por todas as regiões do estado. Por ser a força política que historicamente sempre rivalizou com o PMDB, mantem-se presente no cenário político estadual com representatividade, tanto na esfera legislativa como executiva.

Sobre o PSDB: como todos sabem, essa agremiação partidária cresceu e se expandiu a partir dos anos de 1990 decorrente de uma cisão interna do PMDB. Desde então, já ocupou por oito anos a presidência da república, além de ter governado inúmeras unidades da federação. Em SC, particularmente, o partido atuou como vice-governador entre 2007-2010, fato que o cristalizou como uma opção política à tradicional rivalização PMDB x PP. Tanto é assim, que o número de administrações conquistadas em 2016 é praticamente o mesmo daqueles conquistados em 2008.

Sobre o PT: a ascensão desse partido à presidência da república em 2002 certamente impulsionou o crescimento numérico de administrações petistas em SC desde então, chegando ao ápice no pleito de 2012. Todavia, deve-se registrar que, mesmo estando à frente de administrações municipais importantes no estado, como as cidades de Gaspar, Tubarão e Concórdia[7], essa agremiação partidária nunca teve uma

---

[6] Ressalva-se que este partido ainda estará disputando as duas maiores administrações locais (Florianópolis e Joinville).

[7] Na verdade, o PT governou a cidade de Concórdia de 2004 a 2016.

densidade organizativa em todas as regiões do estado, sempre tendo obtido seus melhores resultados na região Oeste e em municípios majoritariamente pequenos.

Sobre o PR: esta agremiação é relativamente recente na política nacional e estadual, porém apresentando crescimento não somente em termos numéricos de administrações municipais. Diferentemente das demais agremiações políticas, pode-se dizer que a natureza desse crescimento transcende a esfera da política, sendo esta uma força agregadora de outras temáticas da sociedade.

Sobre o PSB: desde os tempos de Miguel Arraes, esta era uma agremiação partidária localizada no campo socialista de esquerda. Porém, nos últimos anos essa concepção sofreu uma inversão, podendo-se hoje qualificar tal partido no âmbito da centro-direita do espectro político brasileiro. No caso de SC, deve-se considerar que tal agremiação foi literalmente tomada por segmentos da elite que circulavam na política tradicional do estado. Não por acaso, o comando político dessa agremiação encontra-se hoje nas mãos de pessoas que até recentemente figuravam em partidos como o PFL e, mais recentemente, o DEM.

Sobre o PDT: registre-se que, mesmo quando Brizola era liderança nacional viva da agremiação, não houve uma expansão partidária em todas as regiões do estado. Com isso, a atuação do PDT sempre ficou restrita à determinadas áreas geográficas do estado e tendo baixa representação política, tanto na esfera legislativa como executiva.

Sobre o DEM: oriundo do antigo PFL, partido cujas principais hostes deram sustentação ao regime militar, esta agremiação sofreu um forte revés a partir da primeira década do século XXI, uma vez que parte importante de sua base migrou para formar o PSD e outra parte recentemente (2013-2014) se deslocou para o PSB. Como resultado, observa-se que as 43 administrações locais sob o seu comando no pleito de 2008 foram reduzidas para apenas 3 em 2016, o que pode estar sinalizando o fim do partido.

Sobre o PPS: esta é outra agremiação partidária que, embora tenha se constituído no campo da esquerda, hoje migra em direção à centro-direita da política nacional. Todavia, como este espaço já está sendo preenchido por outras agremiações, a tendência é que sua representação seja cada mais reduzida, podendo também caminhar para um processo de extinção e/ou fusão em breve.

Portanto, entendemos que é neste cenário complexo de expansões, fusões, incorporações e declínios das agremiações partidários que devemos analisar os resultados explicitados nas eleições municipais de 2016.

2-UMA BREVE QUALIFICAÇÃO SOBRE OS RESULTADOS ELEITORAIS

Nesta seção iremos qualificar um pouco melhor as análises dos resultados conquistados pelas diversas agremiações partidárias, tomando-se como referência o desempenho de acordo com o tamanho das cidades. Neste caso, utilizamos como corte analítico as cidades com mais de 35 mil habitantes, conforme anexo 1. Tais cidades respondem atualmente por mais de 60% da população catarinense, indicador relevante em termos de resposta (voto) a um determinado partido político.

2.1 – O desempenho nas cidades com mais de 35 mil habitantes

Consideramos que o desempenho de cada agremiação partidária nestas cidades é de fundamental importância para se criar qualquer juízo de valor, especialmente quando se pretende utilizar a dicotomia entre vencedores e perdedores. Todavia, registramos aqui que nossa análise procurará apenas revelar situações ainda pouco perceptíveis, porém de grande impacto para o futuro dos arranjos políticos estaduais.

Vejamos alguns desses detalhes revelados pelos resultados finais nas 41 cidades que hoje possuem mais desse quantum populacional[8], conforme quadro 2. Antes, porém, é importante frisar que estes comentários estão baseados apenas no partido que liderou a cabeça da chapa, não se atendo ao conjunto de agremiações envolvidas nas coligações.

O primeiro aspecto que chama atenção diz respeito aos resultados conquistados pelo PMDB. No horizonte das 41cidades consideradas, esse partido foi cabeça de chapa em 24 locais, saindo-se vencedor até o momento em apenas 7 localidades (sendo Itajaí e Jaraguá do Sul as mais relevantes) e perdendo em outros 17 municípios, com destaque para Blumenau, São José, Rio do Sul, Caçador, Indaial, São Francisco do Sul, Campos Novos, Fraiburgo, Tijucas, Xanxerê, etc. Se considerarmos a distribuição regional, verificamos que há um espraiamento das derrotas desse partido em praticamente todas

[8] Mais uma vez chamamos atenção que em três delas (Florianópolis, Blumenau e Joinville) ainda não se tem o resultado final das eleições, uma vez que haverá segundo turno em breve.

as regiões do estado no âmbito do padrão de municípios considerados. E isso certamente terá implicações políticas nos pleitos futuros.

Quadro 2: número de administrações municipais conquistadas pelos partidos em cidades com mais de 35 mil habitantes

PARTIDOS	QUANTIDADE DE ADMs
PSD	13
PMDB	7
PSDB	7
PP	5
PSB	4
PT	1
PPS	1

Fonte: TRE-SC. Nota: não computadas as três cidades que terão segundo turno.

O segundo destaque, porém em sentido contrário, diz respeito aos resultados conquistados pelo PSD, agremiação política do atual governador. Neste caso, observamos que este partido foi cabeça de chapa em 15 cidades do total de municípios considerados, saindo-se vencedor em treze delas, com destaque para Lages, São José, Palhoça, Biguaçu, Tijucas, Itapema, Campos Novos, Videira, Xanxerê, etc. Além disso, esse partido disputará o segundo turno em Blumenau como cabeça de chapa e em Florianópolis coligado com o PP e enfrentando o PMDB. Mesmo tendo um bom desempenho em todo o estado, chama atenção o resultado expressivo conquistado na região da Grande Florianópolis, onde venceu em praticamente todos os municípios importantes. Qualitativamente, essas informações permitem concluir que o PSD foi a agremiação partidária que conquistou os melhores resultados no pleito municipal de 2016 em SC.

Quanto ao PSDB cabe uma ponderação geral. Este partido disputou as eleições como cabeça de chapa em 13 cidades do total considerado, vencendo em sete delas, com destaque para Criciúma, Caçador, Concórdia e Rio do Sul. Todavia perdeu em outras

importantes cidades do estado, com destaque para Lages, Joinville, Itajaí, São José, Tubarão, Balneário Camboriú, etc. Isso significa que existe certo equilíbrio no pêndulo político quando se compara os dois grupos de municípios, muito embora esse pêndulo tende a ser ligeiramente desfavorável ao partido no xadrez político estadual, o que significa dizer que este partido não pode ser considerado qualitativamente um vencedor do pleito estadual, mesmo que numericamente tenha expandido seus domínios.

Outro partido que teve bom desempenho neste cenário foi o PP que, ao disputar sete cidades do grupo considerado, consagrou-se vencedor em cinco delas, com destaque para Araranguá, Tubarão, Timbó, São Bento do Sul e Guaramirim, além de estar disputando o segundo turno em Florianópolis. Isso significa que o partido se manteve no tabuleiro político estadual, mesmo não tendo ampliado o número de administrações conquistadas.

Já o PSB foi outro partido que ampliou qualitativamente sua participação no cenário político estadual. Ao disputar as eleições como cabeça de chapa em cinco cidades, sagrou-se vencedor em quatro delas, com destaque para Chapecó, Brusque, Balneário Camboriú e Rio Negrinho. Mesmo que ainda se mantenha pouco expressivo numericamente, o fato de assumir administrações importantes como as anteriormente mencionadas, coloca este partido no rol das agremiações partidárias que tenderão a influenciar o cenário político estadual.

Finalmente, observa-se que o PT disputou as eleições em apenas quatro das cidades consideradas, saindo-se vencedor apenas em Imbituba, porém perdendo espaços importantes em Concórdia, Tubarão e Gaspar. Com isso, sua participação política fica reduzida, não significando, porém, que tenha sido excluído do cenário político estadual, mesmo com a expressiva queda numérica que sofreu. Na verdade, observa-se que politicamente o partido retornou aos redutos políticos anteriores ao ano de 2002, quando governava pequenos municípios mais concentrados na região Oeste do estado.

2.2 – O desempenho nas sete maiores cidades do estado

Esta informação também é mais um indicador qualitativo sobre o desempenho de cada agremiação partidária, considerando-se que três das sete cidades ainda estão em disputa.

Os resultados já conquistados revelam que, excetuando-se o PP e o PT, cada um dos demais partidos com maior expressão política estadual conquistou uma cidade importante. Assim, o PSDB administrará Criciúma, enquanto o PSB venceu em Chapecó. Já o PMDB venceu em Itajaí, enquanto o PSD administrará Lages.

O pêndulo do poder político estadual somente estará definido quando forem conhecidos os resultados das eleições em Florianópolis (PMDB x PP-PSD); em Joinville (PMDB x PSD); e em Blumenau (PSDB x PSD). De alguma forma, observa-se que o partido do governador está presente em todas as disputas pendentes e, dependendo dos resultados, o mesmo poderá ampliar ainda mais sua presença no jogo político estadual. Este fato, mais uma vez, qualifica tal partido como aquele que politicamente teve o melhor desempenho no pleito recente.

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário político que emerge no estado catarinense após o pleito municipal de 2016 é bastante instigante e revelador de um processo que está em marcha desde as últimas eleições majoritárias estaduais no ano de 2014. Neste caso, observa-se que, muito embora quatro partidos (PMDB, PSD, PP e PSDB), acompanhados de dois coadjuvantes (PSB e PT), continuem definindo a agenda política, fica cada vez mais evidente o distanciamento que deverá ocorrer até 2018, especialmente entre as duas principais siglas partidárias: PMDB e PSD. Esse distanciamento será maior ou menor, dependendo dos resultados a serem obtidos por cada uma dessas siglas nos três maiores colégios eleitorais do estado que ainda estão em disputa.

Isto significa que o equilíbrio político que conduziu a aliança das forças partidárias que vêm governando Santa Catarina desde 2003 pode estar chegando ao fim, uma vez que o aumento expressivo do PSD, somado ao papel ainda preponderante do PP e ao crescimento do PSB, poderá reagrupar politicamente essas siglas em um projeto de poder, tendo em vista que a matriz política de seus integrantes tem a mesma origem, ou seja, a política tradicional de Santa Catarina. Tal projeto poderá contar, ainda, com a simpatia do PSDB, cujas mostras já foram dadas nas diversas alianças que foram construídas com este campo político no âmbito nacional. Em se configurando este cenário, o PMDB poderia caminhar no sentido de ser o partido mais enfraquecido nos pleitos seguintes, especialmente nas eleições majoritárias estaduais de 2018.

Em grande medida, estas suposições ganham respaldo em falas de expressivas lideranças do PSD posteriores ao dia das eleições, quando se afirmou que os resultados eleitorais indicam claramente um caminho oposto ao do PMDB, em termos do processo eleitoral de 2018.

Finalmente, deve-se reiterar que novos estudos nesta área devem dar mais atenção ao tema das coligações, os quais poderão amenizar conclusões apressadas, especialmente quando as análises ficam restritas apenas a alguns números. Por exemplo, a direção estadual do PT informou que, das 46 administrações municipais conquistadas em 2012, 28 delas estavam em segundo mandato, o que impedia a reeleição do ocupante do cargo. Assim, organizaram-se coligações com sucessores de outros partidos que disputaram as eleições, o que reduz os efeitos de análises numéricas pontuais, fato que também vale para todas as demais agremiações partidárias que podem ter vivenciado situações semelhantes. Registre-se que, embora as explicações petistas amenizem análises apressadas, elas continuam sendo insuficientes para explicar o grande revés que o partido sofreu no atual pleito em praticamente todo estado.

ANEXO 1

CIDADES DE SANTA CATARINA COM MAIS DE 35 MIL HABITANTES

CIDADES	PARTIDO VENCEDOR
ARARANGUA	PP
BANEÁRIO CAMBORIÚ	PSB
BIGUAÇU	PSD
BRUSQUE	PSB
CAÇADOR	PSDB
CAMBORIU	PMDB
CAMPOS NOVOS	PSD
CANOINHAS	PSD
CHAPECÓ	PSB
CONCÓRDIA	PSDB
CRICIÚMA	PSDB
CURITIBANOS	PMDB
FRAIBURGO	PPS
GASPAR	PMDB
GUARAMIRIM	PP
IÇARA	PMDB
IMBITUBA	PT
INDAIAL	PSDB
ITAJAÍ	PMDB
ITAPEMA	PSD
JARAGUÁ DO SUL	PMDB
LAGES	PSD
LAGUNA	PMDB
MAFRA	PSD
NAVEGANTES	PSDB

PALHOÇA	PSD
PORTO UNIÃO	PSDB
RIO NEGRINHO	PSB
RIO DO SUL	PSDB
SÃO BENTO DO SUL	PP
SÃO FRANCISCO DO SUL	PSD
SÃO JOSÉ	PSD
SÃO MIGUEL DO OESTE	PSD
TIJUCAS	PSD
TIMBÓ	PP
TUBARÃO	PP
VIDEIRA	PSD
XANXERÊ	PSD
ELEIÇÃO EM SEGUNDO TURNO	
BLUMENAU	PSD X PSDB
FLORIANÓPOLIS	PMDB-PSDB x PP-PSD
JOINVILLE	PMDB x PSD

Fonte: TRE-SC